

agosto/2021

Revista Verlidelas

edição nº 14

ESPECIAL:
Queimem
as bruxas
Intolerância vira
tema de antologia

trechos de
CONTOS
& bio
de cada
autor

uma
história
NA ÍNTEGRA



agosto/2021

Sumário

ESPECIAL QUEIMEM AS
BRUXAS – contos sobre
intolerância

• **A antologia ... 03**

• **A Serviço do Mal ... 21**
Roberto Schima

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:

• Sergio Carmach

Editora assistente:

• Luzia Barbosa

Capa a partir da arte de:

• Gabriella Regina

Revisão, diagramação e arte:

• Sergio Carmach

contato@verlidelas.com

www.verlidelas.com

www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora

CNPJ 27.850.067/0001-71

Rio de Janeiro/RJ

EDITORIAL



Um dos maiores orgulhos de nossa editora é exercer a tolerância. Certa vez eu disse em uma **entrevista** concedida à revista Conexão Literatura: “Uma característica importante da Verlidelas é o apartidarismo.

Indivíduos podem – e devem – ter posições ideológicas próprias, mas uma editora precisa valorizar a liberdade de pensamento e a pluralidade de ideias, seja em que campo for (político, artístico etc.). É triste quando editores não resistem à tentação e transformam suas crias em guetos ideológicos. Isso é um misto de tolice e arrogância.” Em homenagem a esse pensamento, a Verlidelas lança em agosto uma coletânea de contos totalmente dedicada ao tema “intolerância” (organização: Cida Simka, Sérgio Simka e Sergio Carmach). E, assim como fizemos por ocasião do lançamento da “antologia do medo”, consagramos uma edição inteira da revista ao novo livro. Confira neste número como cada autor abordou esse tema tão delicado. Se algo na leitura aborrecer você, calma. Exerça a tolerância.

Sergio Carmach

Apoiam esta edição:



Conheça



Conheça

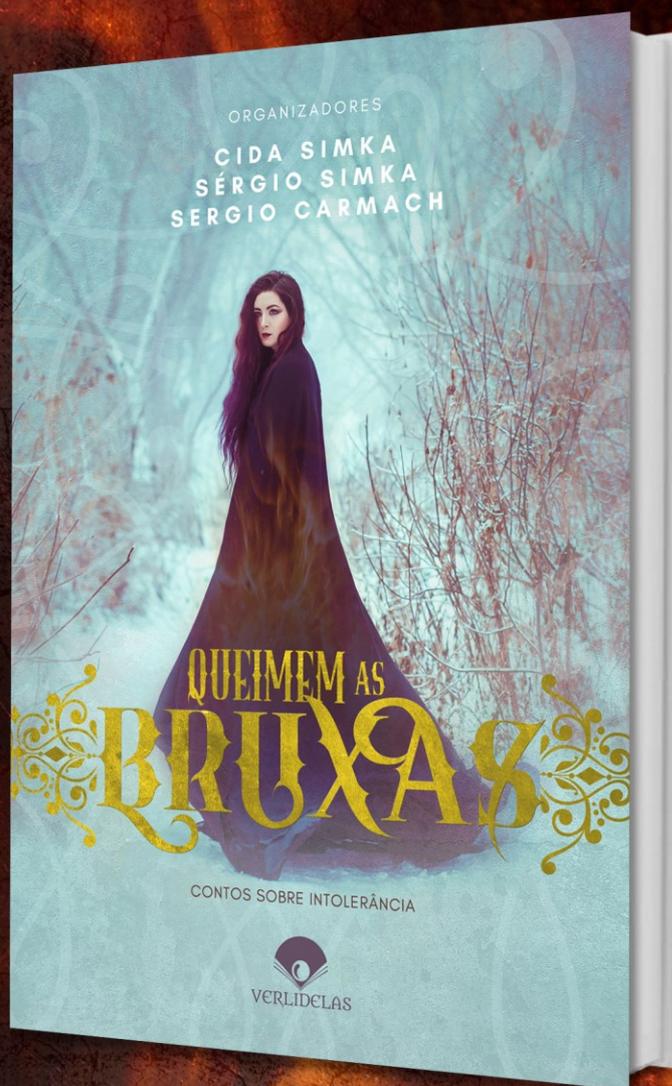


Conheça



Conheça

Seja queimando "bruxas" na fogueira ou metaforicamente, sociedades e indivíduos sempre mostraram, com esse comportamento recorrente, seu lado intolerante, deixando claro que um dos mais difíceis exercícios para um ser humano é respeitar pontos de vista alheios. Poucos conseguem praticar aquela famosa máxima atribuída a Voltaire: "Posso discordar de tudo o que você diz, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê-lo." Esta antologia abre espaço tanto para contos de terror, com "feiticeiras" literalmente ardendo sobre fogueiras, quanto para contos em que a expressão "queimem as bruxas" representa uma incompreensão ou uma perseguição contra aqueles que pensam diferente ou fogem aos padrões estabelecidos. Em suma, este é um livro de intolerância contra a intolerância. Nas páginas seguintes, o leitor pode conhecer os autores participantes e trechos de seus contos, assim como a versão completa de um dos textos do livro



QUEIMEM AS BRUXAS

CONTOS SOBRE INTOLERÂNCIA

ASSIM COMO VOZÊ

SIM, FUI QUEIMADA. Minha carne e minhas palavras simplesmente transformaram-se em cinzas. Mas minha alma... Ah, essa nunca será deles, jamais.

Era primavera de algum ano da Era Cristã. No País de Gales, tudo florescia. Os pássaros cantavam, os riachos jorravam água nos vales verdes, o cheiro da madeira de carvalho embriagava os campos. Filha única, eu morava com meus pais no Reino de Gwynedd. Uma filha única queimada sem remorso e aos gritos de “Justiça!”

Justiça? Justiça de quem? Justiça contra o quê?

Voltemos alguns meses...



BÁRBARA JORCOVIX

Nasceu no verão de 1987 em Santo André (SP), cidade em que orgulhosamente reside. É graduada em Administração de Empresas pela Fundação Santo André e apresenta o canal Dicas Plus da Bá no YouTube, no qual discute e dá dicas sobre moda e cultura *plus size*. Descendente de imigrantes do leste europeu e apaixonada por mistérios, descobriu na escrita uma forma de reunir as histórias de sua família. Para criar os cenários de seus contos, inspira-se nos lugares que conheceu em viagens pelo interior do Brasil.

"MALLEUS MALEFICARUM"

O ESCRIVENTE NÃO RETRUCOU. Molhou a pena na tinta e, conforme o texto era ditado, foi rabiscando no topo da folha.

– Braga, 1º de maio de 1565. Visitação inquisitorial do Arcebispo de Braga à cidade de Braga, Viana do Foz de Lima e Vila do Conde... – disse o clérigo, que continuou após pigarrear: – Ao Santíssimo Papa, meus respeitos e admiração. Remeto à Vossa Santidade este relatório com o resultado das investigações no que tange às acusações de bruxaria nos já referidos locais.

Natural de Resende – RJ, é bacharel em Sistemas de Informação. Vencedor do Concurso de Novelas Históricas (Bahia – 2012) com a obra “2 de Julho – Uma História de Liberdade”, é também autor dos livros “O Guerreiro de Aukazland”, “O Sequestro”, “Lado A e Lado B – Retalhos de uma História de Amor”, “Os Casos Ocultos de Sherlock Holmes” (volumes 1 e 2), “Meu Amigo William”, “O Maior Tesouro da Terra”, “Drazaon e Outras Histórias” e “Sete por Cento” (em parceria com Mila Wander). Participa de diversas coletâneas, em algumas como organizador.



CÉSAR COSTA

AMOR E RESPEITO

– **ACORDA, FILHA. ACOORDA!** – falou dona Jandara, gritando e quase batendo nela.

A voz trêmula, praticamente inaudível, assustou Jamile, que deu um pulo da cama, perguntando o porquê de ter sido acordada. Era sábado e não teria...

– Pare de falar, menina. Tem um policial lá fora procurando por você. O que fez, filha?

– Nada, mãe – respondeu, tentando esconder a inquietação. – Vamos até lá e descobrimos. Deve ser engano.

Jamile não teve tempo nem de trocar o pijama.

– Bom dia, a senhora é dona Jamile? – perguntou o policial assim que pôs os olhos na moça.

Maria Aparecida Silva Simka é licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Autora, dentre outros, dos livros “O Enigma da Velha Casa” (Uirapuru, 2016), “Prática de Escrita: Atividades para Pensar e Escrever” (Wak, 2019) e “O Enigma da Biblioteca” (Verlidelas, 2020). Organizadora dos livros “Uma Noite no Castelo” (Selo Jovem, 2019), “Contos para um Mundo Melhor” (Xeque-Matte, 2019), “Aquela Casa” (Verlidelas, 2020) e “Um Fantasma Ronda o Campus” (Verlidelas, 2020). Colunista da revista Conexão Literatura.



CIDA SIMKA

INTOLERÂNCIA À LACTOSE



FABIO SHIVA

Músico, escritor e produtor cultural. Autor dos livros “Favela Gótica”, “Diário de um Imago” e “O Sincronicídio”, dentre outros. Coautor e roteirista de “ANUNNAKI – Mensageiros do Vento”.

APESAR DO SUSTO, considero a aparição um bom presságio. Se eu o tivesse agarrado, hoje seria um dia de festa. Mas é muito difícil pegar um lagarto assim, já avisado do perigo. O bom é quando você consegue ver o bicho antes que ele te veja. Esse é o meu lema.

Bom, o jeito é voltar ao trabalho. Primeiro eu avanço cautelosamente, de

facão em punho, e visito todos os apartamentos, nos dois andares da casa, enquanto a menina espera perto da porta. Não encontro ninguém vivo, nem morto. Volto à entrada e sinalizo à menina para que entre. Depois de dar mais uma boa olhada nos dois lados da rua, devolvo o facão à batinha e entro também.

Além do facão, tenho uma pistola descarregada guardada na mochila. Encontrei a arma e uma caixa de balas entre os pertences de um sujeito que morreu da febre do fungo. Usei as balas para caçar cachorros e gatos. Isso foi antes de sumirem todos. Depois que as balas acabaram, continuei levando a pistola na mochila, na esperança de algum dia encontrar mais munição.

O AVESSO DA VIDA

NÃO TEVE VELÓRIO. No cemitério, o coveiro nos aguardava. Naquele dia, o sol, que sempre brilhava, não apareceu. O céu estava cinzento. O caixão foi acompanhado por cinco pessoas, dentre elas, minha mãe, meu pai e eu. O silêncio era mortal, de vez em quando rompido pelo soluço da viúva. Joaquim não soltava nem um gemido, nem uma lágrima.

Andamos por uns quinze minutos, pois o local separado para o sepultamento ficava nos fundos do cemitério, longe dos outros túmulos. Era uma cova profunda. Muito profunda! Olhei para o meu amigo e vi um rosto marcado pelo sofrimento. Senti um aperto no coração. Aproximei-me dele e segurei a sua mão, gelada, como se ele também estivesse morto.

Nascida em Guará – SP, graduou-se em Letras pela Universidade do Grande ABC (UniABC) e fez pós-graduação em Tradução (Inglês/Português) pela mesma instituição. Professora, revisora, poetisa e contista, ficou em terceiro lugar na quarta e na sexta edição do Concurso UniABC de Poesia com os poemas “Tributo à Rosa” e “Identidade”. É autora de “A Semântica do Caos e Outros Poemas”, “Palavras Piratas: Poemas de Amor e Ódio” e “O Mistério de D. Amélia e Outros Contos”, publicados pela editora Todas as Musas. Integra a “Antologia Poética de Professoras Poetas” (Todas as Musas), “Histórias do Isolamento” (idem) e o livro “Aquela Casa” (Verlidelas).



LAURA FIGUEIREDO

A SÉTIMA FILHA

– **SEGUNDO A LENDA**, a sétima filha de toda mulher se torna uma bruxa ao crescer. É preciso colocar uma cruz de seis pontas, o sinal do rei Salomão, na porta do quarto da criança para protegê-la da maldição. Posso fazer isso para você...

Samanta olhou para a doula e falou:

– Não é necessário. Essa história é uma crença construída por um povo que desejava dominar a Terra e manipular as pessoas.

Insatisfeita, Agnes insistiu:

– Das cento e cinquenta mulheres acusadas de bruxaria em Salem no ano de 1692, dezenove foram enforcadas. Curiosamente, todas eram sétimas filhas. Não custa nada fazer a simpatia...

Marlene Aguiar Rubio nasceu em 1964 na cidade de Óleo – SP. É graduada em Letras pelo IESA (Instituto de Ensino Superior Santo André) e pós-graduada em Neuropsicopedagogia Clínica e Educação Especial Inclusiva pela Censupeg/IESC e em Neurociência Clínica e Educacional pelo Instituto REM/Limbios. Está se especializando em Libras pela Faculdade São Luís. Atuou como professora em escolas estaduais de São Paulo e particulares. Foi integrante do Núcleo de Escritores do Grande ABC.



MARIE HELENE

DIFERENTES

O NASCIMENTO DE VITÓRIA foi uma verdadeira festa, pois a mãe, à época com trinta e cinco anos, já era considerada velha para ter filhos. Mesmo assim, no ano seguinte chegou Rodrigo esbanjando saúde e aumentando a alegria de todos. Quando o irmãozinho completou um ano, Vitória começou a frequentar a escolinha, onde logo cedo se destacou por brigar com os garotos do pequeno grupo. Sendo ela a única menina, acabava de certa forma entrando em choque com as brincadeiras dos colegas. Viraria rotina os pais serem chamados à escola para que pequenos assuntos fossem resolvidos. A personalidade forte da menina também fazia as professoras se irritarem.

Professora, tradutora pública e intérprete comercial no idioma inglês. É também psicanalista, *coach* e palestrante.



MARISA FONTE

O PLAYBOY DE SÃO PAULO

A JOVEM SENTOU-SE NA CADEIRA da cozinha e, como de costume, começou a descascar mandioca para fazer o doce que sua mãe vendia. De repente, largou tudo e disse estar cansada daquela vida. Queria mais, queria sair dali e ser famosa. Dona Tereza estranhou e logo veio à sua mente o vizinho.

Nascida em Santo André – SP em 1964, desde criança tem intimidade com as letras. Na infância, além de poesias, escrevia peças para contracenar com sua irmã. Apaixonada por literatura, formou-se em Letras e trabalhou como professora voluntária de crianças carentes, ensinando estrutura de redação e fazendo rodas de leitura e gramática. É biógrafa e crítica literária. Tem contos publicados nas antologias “Aquela Casa” (Verlidelas) e “Contos para Um Mundo Melhor” (Xeque-Matte). Seu texto “Mulheres Insanas” foi exposto em 2019 na Feira do Livro da Língua Portuguesa em Nova York. Mantém o *blog* As Letras da Vida, onde posta crônicas do dia a dia.



MARISTELA PRADO



THUYA OCCIDENTALIS

A PRIMEIRA DISCORDÂNCIA destacável surgida entre ambos foi sobre um assunto trivial: a diferença entre sinal e verruga. Ela, Britva, achava que eram coisas diferentes; ele, Adolfo, iguais. Ele tinha dezessete; ela, quinze. Ela estudava para o vestibular de Biomedicina, em contraste com sua mãe, que era dona de casa; ele queria ser jurista, como o pai. Diferentes em muito. Parecidos em quase nada. Essa receita lhes minou a amizade e arruinou a relação. "Laços de sangue, laços eternos..." Isso é o que falam sobre famílias...

Médico veterinário formado pela UFBA, servidor público, psicólogo, pós-graduando no curso de Psicossomática Junguiana do IJBA e escritor, retrata em suas histórias os horrores e as taras sombrias dos humanos. Participa do projeto "Guerreiros Folclóricos" como romancista, é editor e produtor de conteúdos do Clube de Autores de Fantasia, publicou o primeiro volume da trilogia "A Auriflama do Caos" pela Pimenta Malagueta, integrou o projeto "Escritores Perguntam, Escritores Respondem", da Cogito, tem um conto na antologia "Panorama da Literatura Brasileira", de 2015, e participou com dois textos na "Revista Beco das Palavras". Nas horas vagas, como joalheiro, gosta de esculpir anéis. Mas quando são mesmo as horas vagas?



MOGG MESTER

SONHO OU REALIDADE?

ELA SE RECORDA DAQUELE DIA como se fosse hoje. A gritaria ainda ecoa em seus ouvidos como uma música medonha. A multidão a cercava, não havia piedade em seus olhares... Com apenas dezesseis anos, ela era quase uma criança. Mais de três séculos depois, Fryda é uma sobrevivente de tempos perversos e sombrios para alguém de sua espécie. Durante esse período, ela foi se convencendo de que a humanidade não tem mais jeito. E todos deveriam pagar pelo sofrimento imposto a ela no passado.

Nascida em Santo André, tem licenciatura plena em Letras pela Universidade do Grande ABC e pós-graduação em Gestão Estratégica de Pessoas pelo SENAC. Foi congressista na Mackenzie em 2011 com seu TCC e membro do grupo de pesquisa científica G.E.P.H.I.L.I.S. Hoje é chefe de setor em uma empresa de contabilidade.



MONICA NEVES

A FLOR

“...CRIATURA BÍPEDE ALADA já mencionada no Tomo XX, Capítulo 43, de mesmo título, faz uso das flores-de-névoa. Essas plantas são caracterizadas por sua cor típica, branco-nuvem, e exalam um aroma semelhante ao das cerejas. Os primeiros pesquisadores que as encontraram e descreveram ainda não usavam o Método Sezineziano de classificação, portanto nossos dados não são suficientes para descrever com precisão os ciclos dessas flores. O senso comum diz que dessas plantas se desprende uma nuvem de esporos. Estes, por sua vez, formam uma névoa que confunde os sentidos da visão e do olfato, sendo um excelente material para a proteção de áreas inteiras. Os seres alados, assim, se camuflam, protegendo-se de predadores...” E ele finalmente adormeceu.

Nasceu e cresceu em Curitiba. Formou-se em Letras pela UFPR e trabalha como professora. É apaixonada por livros desde muito pequena e seu sonho de criança sempre foi ser escritora.



S. GUSMÃO

O FANTASMA DA VILA

O TÚNEL ÚMIDO E SOTURNO – construído por grupos de hereges e escravos pagãos, cujos sobreviventes foram sistematicamente sacrificados depois de concluída a obra – oprime a alma de Rebeca, tornando suas respostas mais inibidas a cada jarda avançada. Após consideráveis dezenas delas, a visitante, caminhando sobre o mesmo chão rochoso pelo qual um dia seguiu sua trisavó, nota uma luminosidade à frente.

Autor de “Para Sempre Ana”, livro indicado na categoria “melhor romance” do Prêmio Literário Codex de Ouro 2013, é editor, escritor, revisor de textos, *videomaker* e advogado.



SERGIO CARMACH

DONA ABIGAIL, A BRUXA

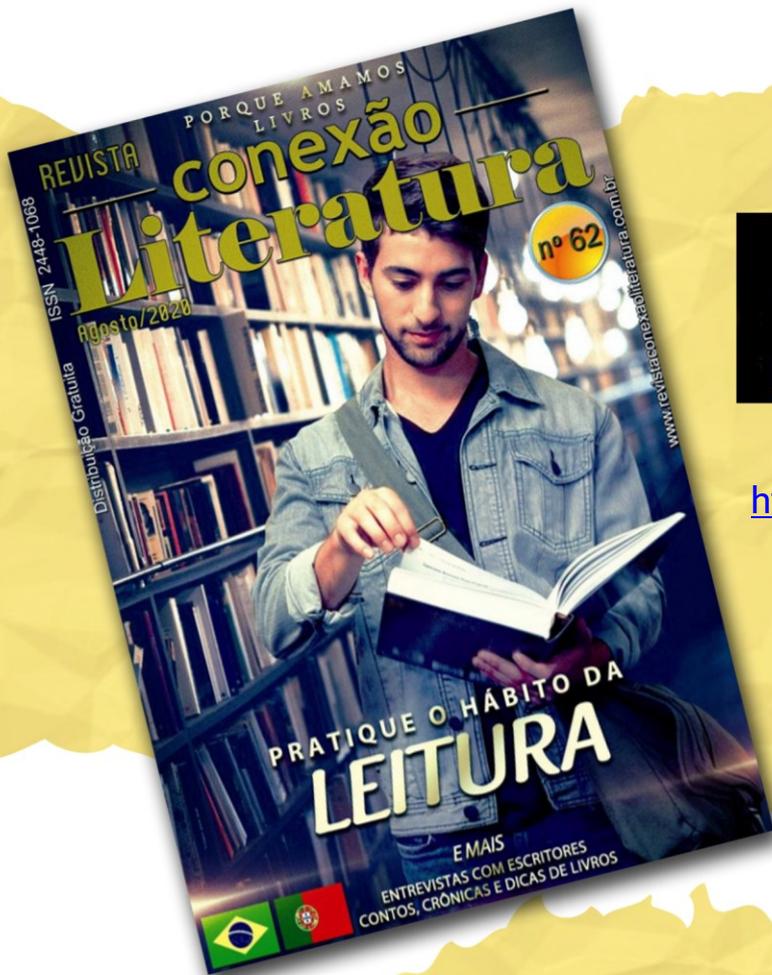
AO SE APROXIMAR DO PORTÃO, ela gesticulou. Antes de entrar, ele olhou para todos os lados. Experimentava um sentimento ambíguo: desejava ser visto por alguém, pois assim seria procurado caso desaparecesse, mas ao mesmo tempo não queria ser observado entrando, para não correr o risco de ser ridicularizado depois.

Professor universitário desde 1999, é autor de mais de seis dezenas de livros nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou com Cida Simka a série Mistério, publicada pela editora Uirapuru. É membro do conselho editorial da Pumpkin e colunista da revista Conexão Literatura. Seu mais recente trabalho acadêmico se intitula “Pedagogia do Encantamento: Por um Ensino Eficaz de Escrita” (Mercado de Letras, 2020).



SÉRGIO SIMKA

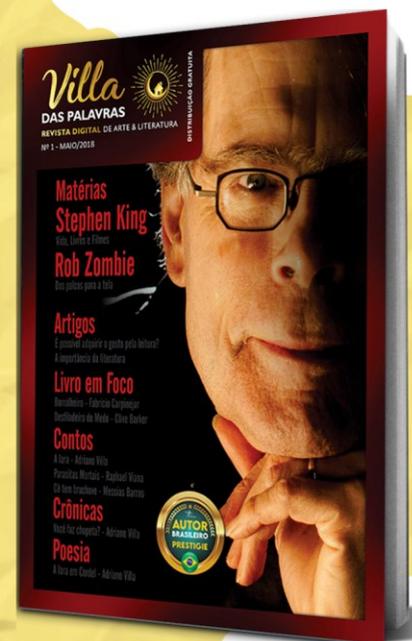
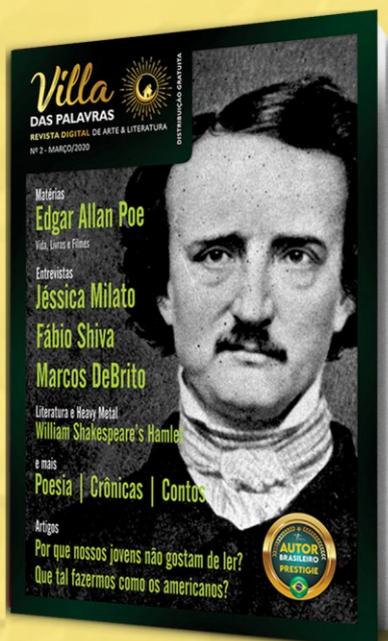
se você gosta de revistas literárias...



conexão Literatura

Visite:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/>



Visite:

<https://www.adrianovilla.com.br/>

na íntegra

A SERVIÇO DO MAL

Assim como aconteceu ao final do processo de edição da antologia "O Medo que Nos Envolve", igualmente merecedora de um número especial da Revista Veridelas, os autores da coletânea "Queimem as Bruxas – Contos sobre Intolerância" também participaram de uma votação interna para apontar o texto mais significativo do livro (os organizadores e convidados não concorreram). Mais uma vez, foi escolhido um conto de autoria de Roberto Schima, "A Serviço do Mal". Nas próximas páginas, a história pode ser lida na íntegra.

Paulistano, nascido em 1961, Roberto ganhou "Frankenstein", de Mary Shelley, aos treze anos. A partir dessa época, passou a colecionar gibis de terror, a assistir aos filmes da Hammer, a desenhar monstros e a ler os pockets da série "Trevo Negro", escritos pelo legendário Rubens Francisco Lucchetti. Era um garoto que amava os monstros. Apavoravam-no, mas eram seus amigos. Foi agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, da Isaac Asimov Magazine (Record). Seu conto "Abismo do Tempo" foi um dos vencedores no concurso Os Viajantes do Tempo, da Conexão Literatura, revista na qual o autor se tornou colaborador regular. Escreveu diversos livros e pode ser encontrado no Clube de Autores, na Amazon e no Wattpad.



ROBERTO SCHIMA



Mal não despetala a flor de suas ilusões: ele a arranca de você pela raiz até nada restar além de um solo estéril onde nada mais vingará.

(Reverendo Thomás Gustav Kraemer, Ordem Dominicana)

O grande inquisidor, reverendo Thomás Gustav Kraemer, entrou em um dos salões do castelo reservado para o seu uso particular pelo rei Adolf III. Era lá que exercia a burocracia de suas funções clericais, conforme determinada pelo Tribunal do Santo Ofício. Sentia-se exausto nesse final de tarde após percorrer todas as formalidades e ritos necessários à execução de mais seis bruxas do condado na praça central da aldeia. Cofiou a longa barba, como era seu costume.

– Dezoito – murmurou para si, satisfeito. – Já foram dezoito.

A princípio, assim que chegara à região, fora difícil controlar a turba que clamava pela inocência de todas as mulheres capturadas. Acusara, aprisionara e torturara as infelizes. Pesava sobre elas, principalmente, o crime de haverem pactuado com o demônio para fazer desabar uma feroz tempestade sobre a lavoura do soberano. O granizo acarretara perda quase total das plantações. Em vão foram as súplicas desesperadas por inocência. Entre outras infrações apontadas, figuravam o voo montado sobre vassouras ao redor das torres do castelo, o desvio dos homens à luxúria, a prática de bestialidades e o rapto de crianças para sacrifícios na floresta. Durante os interrogatórios, após serem penduradas sob cordas, mergulhadas no rio, feridas sob a ponta de um ferro ardente ou terem seus dedos esmagados, todas, sem exceção, confessaram. E, assim, tiveram o justo castigo destinado às servas do diabo: a fogueira.

Kraemer precisara berrar e enfatizar a plenos pulmões ao populacho:

– Pecadores, temam ao Senhor! Vejo aqui que o Mal tem a capacidade de enfeitiçar até os espíritos mais inocentes. Aqueles que insistirem na ausência de culpa das concubinas de Satanás incorrerão no grave crime de cumplicidade com feiticeiras. Serão desapropriados de suas terras e estarão passíveis de penalidade semelhante à delas. O “Martelo das Bruxas” prevalecerá!

Assim, as inúmeras vozes foram pouco a pouco caladas.

Felizmente, pois, hoje, o martírio fora particularmente dramático: duas anciãs, duas irmãs e mãe e filha. A lenha úmida custara a queimar; e elas, a morrer.

O fogo purificador fizera o seu trabalho; trouxera o calor e a luz, afugentando o frio e as trevas.

Ao todo, dezoito bruxas incineradas. Seis a cada dia.

O dominicano esperava condenar mais algumas antes de partir, duas pelo menos, para assim completar vinte, um número redondo conforme apreciava. Sabia que não encontraria dificuldade; afinal, uma delas já estava bem ali no salão. E esperava que as cerimônias subsequentes se processassem sem turbulência.

Respirou fundo e sentou-se na cadeira de espaldar alto e estofamento de couro. Embora estivesse aliviado por ter cumprido mais uma etapa em sua perseguição ao Mal, não podia deixar de se sentir igualmente estafado. Na maior parte da vida, empreendera longas e solitárias viagens em suas caçadas por toda a Europa Oriental. Respirou fundo, apanhou a

pena e o frasco de tinta. A seguir, passou a escrever o seu relatório em uma das várias folhas de pergaminho sobre a escrivaninha.

Ainda podia sentir o cheiro acre da fuligem e da carne queimada impregnando-lhe as narinas e sua indumentária preta e vermelha. Mandaria lavá-la assim que possível, logo após cumprir mais uma tarefa enquanto saciava seu apetite durante o jantar. Quanto aos derradeiros gritos das hereges, continuariam a ecoar em seus tímpanos por mais algum tempo. Mas não passariam de um coral na igreja de sua mente, um cântico a elevar seu espírito às esferas celestiais.

– “... às esferas celestiais...” – repetiu o pensamento em voz alta. – Essa expressão dará um belo acréscimo ao meu livro.

Sim, havia anos preparava um volume em pergaminho de suas memórias. Na maior parte, tratava-se de transcrições de seus relatórios, escritas sob a forma de um diário, floreadas um pouco mais aqui e ali a fim de enaltecer-lhe o mérito. Imaginava-se saudado e celebrado pelas gerações futuras como um salvador de almas, um intelectual, um libertador e protetor da Santa Madre Igreja. Contudo, seus devaneios foram bruscamente interrompidos.

Uma criada apareceu do interior de um corredor escuro. Era muito jovem.

– Vossa Reverendíssima – disse ela, num quase sussurro.

Kraemer não deixou de observar-lhe o vão entre os seios quando a mulher curvou-se numa mesura respeitosa. Embora utilizasse um vestido sóbrio, saia longa e pesada, mangas até os pulsos e lenço nos cabelos, os trajés dela mais sugeriam do que lhe ocultavam as formas. Isso, somado ao medo evidenciado pelo leve tremor das mãos pequeninas, tornavam-na involuntariamente provocante. O inquisidor engoliu em seco, mordendo de leve o lábio inferior. Sentiu o familiar calor repentino brotar-lhe na virilha. O cansaço evaporou-se por um instante.

“Quem sabe mais tarde...”

Por enquanto, ordenou:

– Traga-me a refeição agora, minha filha.

– Sim, Vossa Reverendíssima – respondeu, curvando-se novamente.

“Sim, sim... Será esta noite sob os lençóis. Afinal, qualquer mulher deste lugarejo fará de tudo para não ser acusada de ser um súcubo. De tudo...”

Após ter concluído seu relatório sobre as execuções do dia, o jantar foi servido em uma comprida mesa de madeira no centro do salão.

– Necessitarei de seus serviços mais tarde, minha cara. – Esteja à disposição.

– Si-sim...

Enquanto saboreava a carne, o inquisidor olhou para um canto sombreado do salão e disse em voz alta:

– Aceita um pedaço? O faisão está uma delícia: quente, macio, suculento.

Da figura maltrapilha presa a uma coluna, ouviu-se somente o tilintar das correntes que a prendiam.

– Sei que tem fome. Há quantos dias não se alimenta? Dois? Três? Vamos lá, pombinha, aponte-me mais algumas bruxas como você e poderá comer. Agora não é necessário que sejam muitas. Sou tão generoso, que contentar-me-ei com apenas uma.

Da penumbra, veio uma voz rouca:

– E, somada a esta infeliz, serão duas..., completando vinte!

O inquisidor foi acometido por um calafrio súbito. Acabara de dar uma bela abocanhada no faisão e o caldo escorria por sua barba. Sentiu o naco formar um bolo em sua garganta e bebeu um generoso gole de vinho para forçá-lo a descer.

– O que disse? – indagou, com a empáfia esmaecida.

Correntes rastejaram.

Estavam somente os dois no salão.

Um rosto macilento emergiu e recebeu a luz dos archotes.

A moça não devia ter mais de dezoito anos. A magreza fazia-a parecer mais jovem. Seus olhos grandes e melancólicos refletiam pavor. As costas traziam as marcas do açoite. Suas mãos estavam retorcidas. Inspirou o cheiro da comida. A boca salivou.

– Nobre inquisidor – falou numa voz aguda, hesitante e trêmula –, eu não sei de nada. Sou apenas uma camponesa.

Ante a evidente submissão da ré, o clérigo recuperou seu autocontrole. Estranho, aquela outra voz não parecia a dela. Devia ser a estafa a afetar seus sentidos, era obra do cansaço. Intencionalmente, fez ruído com a boca ao saborear o ensopado.

– É o que todas dizem: camponesas, apenas camponesas. Mas no esconderijo de suas casas preparam poções mágicas para destruir casamentos, envenenar pessoas de bem, transformar homens em feras!

– Nunca fiz isso, senhor! Colho ervas. Faço sopa. Preparo chá para combater o resfriado e fortalecer o corpo.

– O que você é já transitou em julgado. Temos a sua confissão.

A moça em prantos ergueu os pulsos.

– Violentaram-me... Quebraram-me as mãos!

– Temos a sua confissão – repetiu o inquisidor enquanto mastigava. – A questão agora é outra. Você decidirá se prefere uma morte rápida e indolor ou transformar-se em tocha como as outras. Dê-me um nome, criança, somente um!

– Somos uma aldeia pacífica, nobre senhor. Por que veio trazer-nos o Mal?

– Veja como fala! Seu fim pode ser mais doloroso e lento do que nas chamas. Sou um instrumento de Deus. Vim a pedido de Sua Majestade, o rei Adolf III, expurgar o Mal que contaminou seus servos e trouxe a desgraça dos céus sobre as plantações.

Um fiapo de ar frio insinuou-se sobre o salão, agitando o fogo nos archotes.

O timbre na voz da moça tornou-se mais grave novamente:

– E, após destruir o Mal deste lugar, o que fará?

– Irei para outras aldeias continuar a limpeza.

– E, depois de tudo estar limpo de todo o Mal, o que fará?

– Terei o reconhecimento de Sua Santidade e um lugar ao seu lado.

– E, tendo o reconhecimento do papa e uma posição junto a ele, o que fará?

O grande inquisidor, caso tenha percebido a brusca alteração na voz da infeliz, não se deixou alterar dessa vez, atraído que estava pelo conteúdo daquelas perguntas. Tocava em seu crucifixo, e o contato com o ouro e as pedras preciosas dava-lhe segurança.

– Ah, bruxinha, quando o mundo estiver livre de todo o Mal, observarei o horizonte

diante de meus olhos e, enfim, sentir-me-ei em paz.

A voz tornou-se mais rouca:

– O senhor, então, deixa um rastro de mortes para sentir-se em paz.

Kraemer, inquieto, confirmou.

A moça assentiu lentamente, ignorando o aroma da carne e seu próprio estado de penúria. Nem sequer a dor, agora, aparentava atormentá-la. Sentou-se e, mantendo seus grandes olhos fixos nos olhos do dominicano, falou, imperativa:

– Feche os olhos.

O clérigo voltou a sentir calafrio. Enquanto a comida esfriava, balbuciou:

– O-o-o que pretende?

Tentou erguer o crucifixo, tanto este quanto o braço pesaram-lhe feito chumbo.

A moça sorriu.

– Estou acorrentada, poderoso inquisidor. Nada posso fazer... Feche seus olhos!

O reverendo Thomás Gustav Kraemer cerrou as pálpebras.

– Pronto. E daí? – conseguiu dizer.

– Deixe seu espírito abrandar. Sinta o peso de suas responsabilidades escorrerem pelos ombros. Imagine que nenhuma morte pesa sobre a sua consciência e nenhum grito perturba o seu sono. Repare na regularidade de sua respiração. Inspire e expire... Lentamente... Desanuvie a mente de todos os pensamentos. Esqueça os abusos que sofreu dos padres enquanto noviço, o desejo que nunca deixou de nutrir pelas mulheres, as visitas sorrateiras aos prostíbulos, as donzelas que, já sob as vestes de inquisidor, abusou, estuprou e depois matou. Livre-se dessas lembranças, da autorrecriminação pelas incontáveis quebras do celibato, da devassidão transformada em acusação e ódio contra as mulheres. Veja somente a tela negra no interior de seus olhos. O Vazio. O Nada, que foi o princípio de Tudo. Agora, imagine um ponto de luz em meio a essa escuridão, lá longe, bem longe, uma pequenina e solitária estrelinha...

Era como se nada mais existisse no cosmo exceto o salão, suas sombras, as chamas tremeluzentes, a temperatura a baixar e as duas figuras quase imóveis. A voz emergia dos lábios da moça de maneira insinuante, persuasiva, hipnótica.

Num canto do cérebro do clérigo, uma questão não deixou de ser feita:

“Como ela pode saber?”

E a voz murmurou:

– A vida é tão passageira quanto a brisa que penetra pelas paredes deste castelo. Ela flui, sussurra, percorre lugares longínquos, ergue a poeira, causa arrepios e, um dia, encontra o seu descanso. Concentre-se na cadeira macia sobre a qual está sentado, aliviando-o da dureza e do frio deste piso. Concentre-se na visão dos fiéis o aguardando na igreja. Concentre-se nas terras ao redor. Elas não lhe pertencem, mas todos pertencem a elas, que continuarão a deitar os mortos pelas gerações sem fim. Concentre-se no luar a verter prata sobre as aldeias e os vales. Concentre-se nas corujas a sair de suas tocas e nos morcegos a abandonar as torres para caçar no silêncio, como se parte da noite fizessem...

Apesar de seu assombro, o dominicano alcançara o pleno relaxamento.

O olhar ferrenho da jovem prosseguiu sobre ele.

– Sentiu tudo isso, nobre inquisidor?

– Sim.

– E como se sente agora?

Kraemer hesitou e, por fim, mal conseguindo conter a própria língua, respondeu:

– Sinto-me em paz.

A cabeça da camponesa fez um sinal de assentimento.

– Então, abra os olhos.

Ainda aparentemente calma, a voz rouca arrematou:

– Diga-me novamente: por que o senhor deixa um rastro de mortes?

Kraemer ergueu-se e caminhou em direção à mulher. Era enorme perto dela. Conseguiu levantar o crucifixo e segurá-lo diante de si feito um escudo. Disse:

– A paz não existirá enquanto Satanás, seu séquito e discípulos não deixarem de existir. Entregar-me-ás um último nome para que, depois, eu possa deixar esta terra de tristeza infinita e retornar aos vinhedos de minha terra. Dezoito mulheres foram imoladas. Dê-me mais um nome ou outras dezoito perecerão!

– Dezoito mulheres, seis a cada dia: seis, seis, seis... Algarismos reveladores.

A um passo da prisioneira, o inquisidor esticou o braço. O crucifixo de ouro refletiu as chamas. As gemas cintilaram feito estrelas.

– Como ousa, filha do mal? – vociferou o religioso.

Então, o extraordinário aconteceu: a jovem ergueu-se do piso gelado como se não mais sentisse dor alguma. Nenhuma dificuldade, nenhuma expressão torturada, nenhum sinal de fraqueza. Os olhos muito abertos naquele rosto de palidez cadavérica tornaram-se fulminantes e aterradores.

O crucifixo principiou a chacoalhar e Kraemer segurou-o com ambas as mãos. Porém, soltou-o em seguida, como se o objeto estivesse em brasa.

O rosto da jovem exprimiu um sorriso de triunfo.

– É preciso ter alma pura... e acreditar.

O inquisidor recuou, horrorizado. Esfregou as mãos e os braços ante o frio que tomara conta do salão. Um torvelinho pareceu se formar ao seu redor. O tremeluzir do fogo tornou-se frenético. Inúmeras sombras dançaram malevolamente.

O dominicano balbuciou sem convicção:

– Co-como ousa?

A voz que emergiu dos lábios da mulher era mais possante e cavernosa que a do próprio Kraemer:

– Cale-se! Esta foi a única vez que estive certo. Eu, de fato, tenho a ver com o Mal.

O homem tornou a recuar, boquiaberto, como se houvesse levado uma bofetada.

A coisa continuou:

– Sim, de todas as infelizes que condenou ao suplício, esta jovem acorrentada é a única da qual estou a me servir e a que menos merecia tal mister. E isso ocorre somente agora. Acabo de chegar para a festa, por assim dizer – soltou uma gargalhada medonha. – Acha-se o intermediário de Deus sobre a Terra? Supõe que Ele se sirva de patifes? Oh, por vezes é preferível a sinceridade do Mal à hipocrisia do Bem, ou daquele que diz ser o Bem. Quantas atrocidades não foram cometidas em nome do Altíssimo? Não posso deixar de admirar a sua vestimenta, nas cores vermelha e preta. Sangue e morte. Cai-lhe bem. De todos os discípulos

de Satanás, você e outros de sua laia têm sido os meus favoritos...

A expressão do religioso ficou torcida.

– E-e-eu? So-sou um servo de Deus!

– Ah, sim... E aqui estou: o seu deus! Você está a meu serviço. Todavia, sua vida útil nesta terra chegou ao fim. Vim buscá-lo. Não lhe será consolo saber que, para onde vai, o que menos encontrará será paz, reverendo Thomás Gustav Kraemer da Ordem Dominicana. Nada de vinhedos. Arranco a flor de suas ilusões pela raiz, fazendo restar somente o solo estéril, no qual, eternidade afora, nada mais vingará.

– Não! – gemeu o homem.

O dominicano, desesperado, rodou nos calcanhares e tentou fugir em direção ao corredor de onde viera a apetitosa criada. Porém, antes que pudesse atingi-lo, sentiu uma potente vergastada às costas que o fez estatelar no chão.

A coisa que se apossara da moça partira a corrente e a utilizara como chibata. Depois, os grilhões nos pulsos abriram-se como que por magia e caíram próximos ao crucifixo. A jovem, cujas mãos não mostravam mais sinais de lacerações, segurou Kraemer e, como se este nada pesasse, ergueu-o para o alto, fazendo seus pés balançarem no vazio.

– Vamos, nobre inquisidor. Você, que gosta tanto de queimar, arderá em fogo brando para sempre. Aqui, os gritos das infelizes que torturou não lhe tiravam o sono? Para onde vamos, jamais conseguirá dormir e infinitos bramidos ecoarão por seus ouvidos, especialmente os seus. Ah, sim, agonizará de dor até o findar dos tempos. Mas, caso isso possa consolá-lo, não estará sozinho. Antes de neste salão emergir, levei o soberano, Adolf III. *Pares cum paribus facillime congregantur.*

O inquisidor quis chamar por socorro; sua voz, porém, pereceu com ele. E o corpo sem vida desabou e foi abandonado no piso de pedra.

A jovem piscou repetidas vezes e despertou, surpresa por se encontrar em pé naquele local, diante do cadáver de seu algoz. Torceu o nariz com o odor pungente de enxofre no ar. Encolheu-se toda diante do frio que ainda permeava o salão. Entretanto, mais atônita ficou ao ver-se livre de toda a dor. Suas mãos estavam intactas. As feridas em suas costas haviam sumido.

A criada reapareceu.

– Preciso sair daqui – disse-lhe a prisioneira. Sua voz era aguda e delicada.

A criada esquadrinhou rapidamente a cena. Um meio sorriso assomou seu rosto ao mirar o inquisidor caído.

– Vou ajudá-la. Venha comigo!

Sem compreender o que acontecera, mais que depressa a camponesa apanhou o que pôde da refeição sobre a mesa e fugiu atrás da outra jovem.

Diante das mortes misteriosas, os guardas abandonaram o castelo. A corte de Adolf III foi linchada pela plebe indignada. A pilhagem dos bens dos nobres durou a noite toda. Os pergaminhos de Kraemer viraram cinzas. Seu crucifixo jamais mais foi achado.

Por algum tempo, aquele reino sem rei tornou-se o mais feliz de todos.

As vítimas, enfim, descansaram.

■ ■ ■

Nas ondas do rádio

Todo sábado
um novo tema

ATMOSFERA LITERÁRIA com Fabio Shiva



"Atmosfera Literária com Fabio Shiva" é um quadro do programa
ATMOSFERA 102, apresentado todo sábado por Fernando
Bamboo na Rádio 102.7 FM, de 12h às 14h

[Confira online](#)

Apoio: Verlidelas Editora

